

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

A NARRATIVA QUE TECE E ENTRETECE SENTIDOS: APONTAMENTOS SOBRE COMPLEXIDADE E COMPREENSÃO NO JORNALISMO DE ELIANE BRUM

Tayane Aidar Abib¹

Resumo:

Propõe-se refletir sobre novos fundamentos para a prática jornalística, pensados sob a chave de conciliação dos conceitos de diálogo e compreensão para a tessitura de narrativas de complexidade. Interessa-se, deste modo, em investigar as produções jornalísticas de Eliane Brum – delimitando-se como *corpus* suas colunas para o *El País* Brasil em 2015 -, à luz dos estudos de Künsch sobre a epistemologia complexo-compreensiva. Espera-se, a partir de uma análise interpretativa desses registros, evidenciar as marcas de uma escrita aberta à experiência de reconhecimento do Outro e à percepção de contextos em seus múltiplos sentidos.

Palavras-chave: Jornalismo. Complexidade. Compreensão. El País. Eliane Brum.

Introdução

“Escutar o outro é arriscar-se ao outro. É viver”. Nas palavras de Brum, o gesto que deseja alcançar. Um chamado à imersão no signo relacional, à experiência de reconhecimento e de abertura, ao encontro com o Outro – seu cotidiano, suas dimensões significativas, a invenção e reinvenção de seus dias. Uma, entre as tantas possibilidades, de vivência do cerne propositivo da epistemologia complexo-compreensiva, a que nos convida Künsch, em diálogo com estudiosos dedicados à construção de saberes e fazeres plurais.

No presente trabalho, a travessia de uma investigação cujo norte aponta para a premissa, tal qual indica Künsch (2000, p.290), de “necessidade de uma reviravolta no modo de se colocar diante do mundo, das pessoas, do outro”. Contesta, por isso, como motivação primeira, os modelos reducionistas que se impõem sobre o conhecimento e, especificamente,

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. E-mail: tayaneaabib@gmail.com.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

sobre o jornalismo. Busca visualizar, para além de padrões e esquemas convencionais, novas perspectivas para as relações entre sujeitos e para o cenário midiático.

Neste sentido, interessa-nos, aqui, articular apontamentos teóricos com aspectos da prática: ao apresentar textos representativos de Eliane Brum em 2015, esperamos identificar neles as marcas de uma narrativa que se deixa envolver pelo movimento compreensivo e dialógico, na configuração de uma escrita complexa, que ‘tece em conjunto’ – conforme o termo *complexus* – e que responde, assim, ao apelo do verbo latino *complexere* – ‘abraçar’: “o pensamento complexo é um pensamento que pratica o abraço. Ele se prolonga na ética da solidariedade” (MORIN, 2002, p.7).

Acreditamos, por isso, que independentemente da matriz discursiva assumida por Brum – ora narrativo-descritiva, ora argumentativa -, suas colunas manifestam um universo epistemológico pautado por atitudes de vinculação “com o outro, com a pluralidade dos outros, com o mundo” (SODRÉ, 2006, p.68).

2. Nas pistas da compreensão

Escreve Brum (2013, p.13) que a “carne de sua reportagem são os desacontecimentos”, que o seu interesse jornalístico reside na “extraordinária vida comum, no cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história”. Sua dinâmica produtiva, desta forma, orienta-se pela busca da “poesia singular, única e intransferível que cada um arranca dos dias” (2013, p.197). Ao longo de seus mais de 25 anos de carreira, seu trabalho – ora como repórter no meio impresso, ora como “repórter escrevendo uma coluna de opinião” (2013, p.14) -, dedica-se a descobrir o que dá sentido à existência de cada um e a “compreender como cada pessoa – em geral com muito pouco – reinventa a sua história”.

Seus valores e técnicas jornalísticas acionam, como uma espécie de dispositivo narrativo, a conciliação dos conceitos de sensibilidade, diálogo e afetos, na valorização do olhar e da escuta como caminho para o Outro. Em diferentes manifestações textuais, pela escolha da abordagem, das fontes ou do encadeamento dos argumentos, no entrecruzamento

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

de tons opinativos, ensaísticos ou de reportagem propriamente dita, é possível evidenciar nas produções de Brum - com foco em seus registros para o *El País* Brasil em 2015 -, a “marca mediadora que articula histórias fragmentadas (...) e oxigena o caos” (MEDINA, 2006, p.67). Identifica-se, por assim dizer, na linha do que defende Martino (2010, p.07), a comunicação “na forma de narrativas nas quais se compreende – isto é, se abraça, se entende – o espaço intersubjetivo no qual todos estamos”.

Nessa configuração, os textos trilham uma viagem, à luz da epistemologia complexo-compreensiva (KÜNSCH, 2000, p.96), “pelos territórios que levam da conceitualização/explicação a noções mais arejadas e aptas ao ato compreensivo”. Assumem traços de tipo cósmico- polifônicos e polissêmicos – que, “juntando e tecendo vozes e sentidos plurais, tentando perseguir as múltiplas causas e forças que regem os fatos da contemporaneidade”, contribuem para uma compreensão “mais humana e complexa do mundo, da sociedade e da história” (KÜNSCH, 2010, p.24).

Sustentam-se, neste sentido, na apuração sensível aos detalhes e singularidades, no diálogo que harmoniza razão e emoção, com vista à construção de um fazer que ultrapasse a lógica e envolva-se pela reciprocidade na interação social. Diante da crise do pensamento contemporâneo, despontam, para o jornalismo, como possibilidade de renovação mediada por uma escrita que “não dispensa, antes, integra a humildade e o respeito perante o mundo, pessoas, fatos e fenômenos” (KÜNSCH, 2000, p.95).

Em sintonia com o que indica Brum em sua primeira coluna de 2015, reivindica-se a urgência em resgatar a delicadeza como um ato de insubordinação e de resistência – de nosso olhar, de nosso tato, com diversos nuances e contextos.

Temos vivido nesse mundo de acontecimentos, de espasmo em espasmo. Estamos intoxicados por acontecimentos, entupidos de imagens. Há sempre algo acontecendo com muitos pontos de exclamação (...) Mas o que é preciso para, de fato, se mover? É preciso perceber o pequeno, o quase invisível de nossa realidade externa e interna. É pelos detalhes que enxergamos a trama maior, é na soma das sutilezas que a vida se desenrola, são as subjetividades que determinam um destino. É preciso desacontecer um pouco para ser capaz de alcançar a delicadeza dos dias (BRUM, 2015a).

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Defende-se, por isso, a necessidade de se lançar “à aventura do encantamento”, “ao gesto humilde e corajoso da compreensão” (MEDINA, 2000, p.17), onde “florescem a admiração e o espanto” (KÜNSCH, 2010, p.20). Convida-se ao risco da experiência de acolhimento do Outro, na abertura ao encontro com detalhes, realidades, com as teias de sentidos que os envolvem, na configuração do movimento a que Buber (1982, p.58) se referiu como dialógico: um “voltar-se-para-o-outro”, quando “tornarmos o outro presente, na sua existência específica, de forma que as situações comuns a ele e a nós mesmos sejam por nós experienciadas também do seu lado, do lado do outro” (BUBER, 1982, p. 58).

Trata-se da disposição de sair-de-si-mesmo-em-direção-ao-outro, de realizar genuinamente o sentido original de *cum-prehendere*, que, em latim, remonta ao jogo de corporeidade do “agarrar as coisas com as mãos, abarcar com os braços” (SODRÉ, 2006, p.68), sintonizar-se com o “sensível das singularidades” (idem).

O pensamento compreensivo, operacionalizado em termos metodológicos, pauta-se na abertura para tentar ver o que o outro está vendo, conhecer o mundo pelo conhecimento do outro (...) compreender o modo como se chega a uma determinada visão, de entender os andaimes do pensamento (KÜNSCH, 2014, p.24).

Ao se enveredar pelas vertentes do desafio epistemológico da compreensão, Brum constrói narrativas de reconhecimento, que acionam o impulso interativo de que fala Medina (2006, p.131), “capaz de nos pôr em iguais condições para dialogar com o Outro”. Em *O que lembraremos antes de esquecer?*, a jornalista evidencia os meandros subjetivos da decisão de Chris Graham, de 39 anos, em partir para uma aventura de bicicleta pela costa do Canadá e dos Estados Unidos, “na tentativa de mudar a percepção que o mundo tem do Alzheimer” e de arrecadar dinheiro para a pesquisa de uma cura para a doença. E dedica-se à interrogação: “mas qual é a travessia mais profunda de Chris, para muito além da quilometragem? E o que ela diz sobre essa época?”.

Se para os velhos que se descobrem com Alzheimer a ameaça maior é se esquecer de quem são, esquecer-se de suas realizações e daquilo que os constituiu, para Chris a questão parece ser outra (...). Ao saber que morreria jovem e, antes de morrer, se esqueceria de si, Chris parece ter se preocupado em construir uma memória para legar (BRUM, 2015b).

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Em vista disso, pondera Brum, é pungente acolher a simbologia expressa nessa volta não medida em quilômetros: a tentativa de Chris Graham de se arrancar do esquecimento antes do esquecimento, em um gesto que anseia deixar um legado para o outro. “Jamais subestimo os sentidos criados por um outro para a sua vida. Mais ainda num momento tão limite. Chris Graham tenta algo admirável com o pouco que tem (...) cada um arranca sentido da forma que pode” e, acrescenta, com a abertura subjetiva a que se refere Morin (2002), “é preciso manter profundo respeito pelos significados que o outro conseguiu criar diante da brutalidade da doença e da morte. A vida nada mais é do que criação e recriação de sentidos”.

O movimento de compreensão, assim, guarda as singularidades, apreende em conjunto, o texto e o seu contexto, o múltiplo e o uno. Vai além da explicação, conforme Morin (2002, p.93), “como uma condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade”. Tende, então, a abarcar, considerando as diversas possibilidades e caminhos tomados: “tão digna quanto a escolha de Chris Graham é a escolha de todos os anti-heróis que escolhem usar o tempo que lhes resta perto dos que amam ou se enfiar em algum canto que gostem enquanto for possível (...) da vida só sabe quem a vive” (BRUM, 2015b).

O reconhecimento dos significados construídos pelo outro também está presente na coluna sobre a longa travessia de Carlos Moore, ativista e intelectual que denunciou o racismo em Cuba, e que ainda toca a crescente tensão racial no Brasil.

À primeira vista, o que chama atenção neste negro de tantos mundos é a sua leveza, surpreendente em alguém que carrega uma trajetória tão pesada e ainda traz no corpo as cicatrizes das violências que começou a sofrer pela mão da própria mãe. Moore é acolhedor, carinhoso e sorridente, jamais se furta a uma pergunta difícil, e sua força aparece quando discorda do interlocutor e dá uma resposta demolidora (BRUM, 2015c).

Em *Um negro em eterno exílio*, Brum entrelaça suas impressões à voz do protagonista, em um texto-entrevista – feita durante seis horas, em dois dias consecutivos – que mergulha na questão do ser negro, da reprodução racista do sistema cubano, do poder branco no Brasil e, em última instância, permeando esse debate, de busca por uma identidade: “desde a infância, Carlos Moore queria fugir, uma fuga profunda, com vários sentidos simultâneos.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Acabou por passar a vida fugindo de perseguidores (...) essa fuga interminável parece tê-lo levado a si mesmo, o único lugar de chegada que importa”.

Pela dimensão de entrega dos sentidos, Brum permite que suas narrativas impregnem-se da “energia afetiva”, traduzida por Medina (2006, p.63) como o “afeto e o respeito pelo Outro, por mais distinto que ele seja”, e que se abram para ouvir o diferente, reconhecendo o seu lugar na rede de intersubjetividades a que pertencemos – “porque só somos no outro. E o outro só é em nós” (BRUM, 2013, p.130). Opõe-se, portanto, a nossa resistência em perceber travessias comuns, em nos vincular a história de outros com interesse particular, através de um chamado a imbricar-se na responsabilidade coletiva.

Em diferentes momentos, seus registros atentam para as realidades da Amazônia - a valorização de seu povo e de sua cultura, e a denúncia dos conflitos por terra, das remoções e da construção de usinas na região. Abordam, de maneira recorrente, a questão indígena, apesar de saber que, ao escrever a palavra ‘índio’, “perco uma parte dos meus leitores. É uma associação imediata: índio? Não me interessa. Índio é longe, índio é chato, índio não me diz respeito. E, pronto, clique fatal, página seguinte” (BRUM, 2015d).

Em *Os índios e o golpe na Constituição*, um debate sobre a PEC 215, uma sigla que, por si, já “afasta as pessoas, porque nela está embutida toda uma carga de burocracia e um processo legislativo do qual a maioria da população se sente apartada”. Apesar da terminologia que “nos torna analfabetos”, Brum insiste que é preciso vencer essa barreira e mover-se à inserção nesta discussão que, ao mudar a vida dos índios, “muda a vida de todos”. Isso porque a PEC propõe que se transfira do Executivo para o Congresso o poder de demarcar terras indígenas, quilombolas e unidades de conservação. Com sua aprovação, Brum teme que todo este processo seja paralisado, “ameaçando o direito de todos os brasileiros”. O gesto de Brum busca alcançar o sentido de território para os índios: “sem a terra de seus ancestrais, um índio não é. Não existe”. Por essa acepção, inclusive, o grupo dos Guarani Kaiowá, em outro momento, declarou que preferia morrer a ser expulso, “já que os indígenas se conjugam no plural, e morreriam no lugar ao qual pertencem”.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Outros três textos de Brum dedicam-se à ideia de lar² para as populações desta região. Eles assumem configurações de reportagem e, pelo encontro com diferentes histórias de vida – de Otávio das Chagas, João e Raimunda, e Antonia Melo -, aprofundam-se no questionamento sobre o valor de uma vida humana à beira de Belo Monte. Suas narrativas³, nesta linha, desenham novos contornos e ampliam os traços do espaço de pertença, respeitando o lugar que cabe ao Outro.

O avesso deste posicionamento ambienta a reflexão de Brum sobre um “aspecto que me parece muito profundo e definidor de nossas relações atuais”. Em *A boçalidade do mal*, trata, a partir de um caso de hostilização a Guido Mantega e sua esposa na lanchonete de um hospital em São Paulo, de um ponto preciso do cotidiano atual do Brasil: “em que momento a opinião ou a ação ou as escolhas do outro, da qual divergimos, se transforma numa impossibilidade de suportar que o outro exista?”. Diante do complexo conceito de banalidade do mal, de Hannah Arendt, Brum pede uma espécie de licença poética para afirmar que, em meio aos fenômenos de expressão de ódio gerados ou ligados pela internet, demos um passo a mais e atingimos a ‘boçalidade do mal’.

A sociedade brasileira, assim como outras, mas da sua forma particular, sempre foi atravessada pela violência. Fundada na eliminação do outro, primeiro dos povos indígenas, depois dos negros escravizados, sua base foi o esvaziamento do diferente como pessoa, e seus ecos continuam fortes. O outro, se não for um clone, só existe como inimigo. Não se sai imune desse confronto com a realidade do outro, a parte mais fácil. Não se sai impune desse confronto com a realidade de si, este um enfrentamento só levado adiante pelos que têm coragem. O direito ao ódio e à eliminação do outro mostrou-se soberano: aquele que é diferente de mim, eu mato. Ou delete. Simbolicamente, no geral; fisicamente, com frequência assustadora (BRUM, 2015e).

² Sobre essa temática, desenvolvemos uma análise específica “A filosofia do diálogo e o jornalismo de desacontencimentos: possibilidades de articulação a partir das narrativas de Eliane Brum” (Intercom Sudeste 2016).

³ Em coluna recente (18/07/16), Brum retoma a reflexão: “para compreender o que é uma casa, em toda a sua inteireza, é necessário escutar os ribeirinhos com mais atenção: a casa não é uma ‘estrutura’, apenas, mas algo mais extenso no qual é abarcado todo o seu entorno. (...) é fora e dentro – é um amplo e um tudo”.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Em registros como esses transparece, ainda, uma prática jornalística que põe “em questão os perigos de uma racionalidade falaciosa, simplificadora”, onde se prolifera, em ambiente arrogante, “a sedução pelo enquadramento do desconhecido em prejuízo” (MEDINA, 2006, p.63). Evidencia-se, ao contrário, uma aposta “no batismo de fogo”, de que fala a autora, “razão complexa, sensibilidade afetuosa e ação transformadora”.

Acredita-se haver, por isso, nas narrativas de Brum, uma compreensão que leva à “consciência da complexidade humana” (MORIN, 2002, p.101). Está-se diante, por assim dizer, de uma escrita que resiste à hipersimplificação - a patologia contemporânea do pensamento, segundo Morin (2007, p.13), que se traduz na “incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua micro e macrodimensão”. E que se lança à apreensão multidimensional, capaz de perceber o “tecido que junta o todo” (MORIN, 2002, p.11) e iluminar os laços e interações que compõem os cenários.

O quadro envolvente das múltiplas perspectivas

Visualiza-se, neste sentido, uma possibilidade de renovação da prática jornalística, a partir da incorporação dos conceitos de compreensão e complexidade como elementos indissociáveis na tessitura narrativa. Interligados, sob o expediente de um mesmo estatuto epistemológico, esses delineiam configurações plurais para os valores e técnicas jornalísticas, conforme indicam os estudos de Künsch:

Compreender o outro é tentar ver nele a mesma complexidade que reivindicamos para nós, e suportar a mesma falta de lógica, de coerência e de sentido da qual damos mostra. Não deixa de ser paradoxal: no cotidiano, muitas vezes exige-se da alteridade uma coerência linear que o eu é incapaz de oferecer – o outro deve ser racional, coerente, claro, linear e bem resolvido; o eu pode ser fragmentário, afetivo, passional, não linear. Essa assimetria da relação entre um ‘eu’ que tudo pode e um ‘outro’ que tudo deve é questionada pelo pensamento compreensivo (KÜNSCH, 2014, p.31).

Nas colunas de Brum, evidenciam-se marcas discursivas que sublinham o seu empenho em enxergar os múltiplos ângulos, descascando as camadas para além da obviedade, como em *O morto que denunciou um repórter*, em que a jornalista atesta a necessidade de se

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

“fazer cotidianamente a disputa dos fatos, a disputa do que é notícia, em todas as ruas deste país”. No registro, Brum (2015e) escreve sobre “o não valor da vida daqueles que um tipo de jornalismo se autoriza a desumanizar” e lança interpretações para tentar compreender “como se produz a alquimia social e política necessária para que a morte de alguns vire entretenimento?”.

A partir de um vídeo que recorta a cena de uma “entrevista com um morto”, definida como ‘gafe’ do repórter do programa Tolerância Zero, da TV Atalaia, uma afiliada da TV Record, em Sergipe, Brum traz para o debate a responsabilidade da radiodifusão como uma concessão pública, a legitimação do discurso policial como fonte oficial e única ouvida e, perpassando toda a análise, a proposta de redução da maioria penal na mesa do legislativo.

Em face da tentativa de um repórter em entrevistar um jovem que, segundo relatos, havia participado de uma perseguição policial após assaltar uma mercearia, o silêncio de um morto que não é tratado nem pela notícia, nem pela notícia sobre a notícia, como um homem. “A ele não cabe nenhuma interrogação humanizadora. O morto não tem nome nem história. O morto só tem corpo. É o corpo a única barreira encontrada pelo microfone colocado na sua cara, pelo dedo do repórter que o cutuca”. E diante do silêncio, pontua Brum, “há que se contornar o corpo. Contornar para que ele continue invisível. Há um morto na cena do crime. Mas, esvaziado de humanidade, ninguém parece reconhecê-lo”.

Também em *Quando a periferia será o lugar certo, na hora certa?*, a travessia pelo concreto e pelo simbólico, pelos aspectos complexos da maior chacina de 2015, em São Paulo, e pelos sentidos manifestos pelas palavras dos envolvidos, que “matam lentamente, como balas em câmera lenta (...). As palavras silenciam os mortos para além da morte. E calam os vivos, mesmo quando eles pensam gritar”. Na fala das mães, familiares e amigos - “estava na hora errada, no lugar errado”, “ele era trabalhador”, “foi parecido com os outros crimes, por que não considerar?” (no caso de Sandro Araújo, cuja morte não foi relacionada, pelo Governo, com a chacina) -, a demonstração de que a periferia nunca é o lugar certo. Já nos bairros nobres de São Paulo, “nenhum dos homens e mulheres de classe média e alta que

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

lotaram os bares da Vila Madalena jamais precisou pensar sobre a possibilidade de que encapuzados pudessem entrar e executá-los”.

Entrelaçado à escrita, momentos de interferência de Brum, com o relato de suas memórias e experiências, permitem destacar o seu querer-se envolver:

Como repórter, uma das cenas que mais me dilacera e que se repete quase toda vez que piso pela primeira vez na casa de alguém que mora na periferia é quando me estendem sua carteira de trabalho para provar que não são bandidos. Homens e mulheres sofridos, assinalados pela vida dura, que sabem que já nasceram sob suspeição porque são pobres, e mais suspeitos tornam-se se ainda por cima forem também negros. E eu, branca e jornalista, sou decodificada como uma autoridade a quem também é preciso estender a carteira de trabalho. Recuso, digo que não precisa, repito que não devem. Insistem. Eu pego, morro um pouco. Neste gesto, toda a falência do Brasil é consumada (BRUM, 2015f).

Com isso, o movimento de afeto e compreensão em meio à ausência do olhar, do escutar, do tocar, no contexto jornalístico e também social: “qual é o número de pobres e de pretos executados que atinge nossa sensibilidade seletiva? De quantos corpos é preciso para fazer uma manchete? Na periferia, é preciso muitos”.

Um caminho, dentre os tantos possíveis, de resposta ao convite lançado por Künsch ao fazer jornalístico:

Aprender a pensar no quadro envolvente de multicausalidades, múltiplos angulos e perspectivas, de uma busca (às vezes sofrida) de conhecimento que sabe tecer e entretecer sentidos, lembrando o significado etimológico de *complexus*, em latim. Eis aí um desafio audacioso para mentes tradicionalmente viciadas a alcançar rapidamente respostas pela via fácil da explicação, da simplificação e da redução de sentidos (KÜNSCH, 2010, p.17).

Considerações finais

Em última instância, trata-se, sempre e por diferentes modos, de arriscar-se ao Outro, pelo acolhimento, pela abertura, pelo diálogo. Na tessitura de relações, também no jornalismo, que se deixem marcar pelo gesto compreensivo e complexo, disposto a assumir significados, a apreender detalhes, a envolver-se no múltiplo e no único.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Na epistemologia complexo-compreensiva, o interessante é ampliar vozes, preservar singularidades, tocar com sensibilidade e afeto os contextos diferentes dos seus, mergulhando no nível da intersubjetividade, aventurando-se pelas dimensões do encantamento do comum.

O ponto de vista da complexidade convoca o viajante a se enfronhar pelas veredas da contextualização. Dos textos e de seus contextos. Do diálogo com diferentes perspectivas teóricas e diferentes metodologias. Da conversa, ao mesmo tempo séria e respeitosa, com uma variedade de saberes, que acabam por revelar um quadro de leituras e significações muito mais amplo e abrangente do que é viabilizado pelo empenho da ciência. Traz para a rede de conversação também os mitos, as religiões, as artes, filosofias, saberes comuns. Como traz também para a conversa o padeiro da esquina e o vendedor de frutas, a criança bem calçada e a de pés descalços...Tanta gente. Polifonia (KÜNSCH, 2010, p.17).

Tal qual afirma Eliane Brum (2015g) em uma de suas colunas – *Mãe, onde dormem as pessoas marrons?*, outra que nos desperta da zona de conforto -, “o que precisamos não é erguer muros cada vez mais altos, mas derrubá-los e nos misturarmos”, “arriscando-se às diferenças para combater a desigualdade. Arriscando-se à experiência”.

Referências

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

_____. **A delicadeza dos dias**. Disponível em: <<http://migre.me/uJLeK>> Acesso em: 20 jul.2015.

_____. **O que lembraremos antes de esquecer**. Disponível em: <<http://migre.me/uJLjb>> Acesso em: 20 jul.2015.

_____. **Um negro em eterno exílio**. Disponível em: <<http://migre.me/uJLmN>> Acesso em: 20 jul.2015.

_____. **Os índios e o golpe na Constituição**. Disponível em: < <http://migre.me/uJLq4>> Acesso em: 20 jul.2015.

_____. **A boçalidade do mal**. Disponível em: <<http://migre.me/uJLrR>> Acesso em: 20 jul.2015.

_____. **O morto que denunciou o repórter**. Disponível em: <<http://migre.me/uJLue>> Acesso em: 20 jul.2015.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

_____. **Quando a periferia será o lugar certo, na hora certa?**. Disponível em: <<http://migre.me/uJLuZ>> Acesso em: 20 jul.2015.

_____. **“Mãe, onde dormem as pessoas marrons?”**. Disponível em: < <http://migre.me/uJLwV>> Acesso em: 20 jul.2015.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

KÜNSCH, Dimas A.. **Maus Pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume-Fapesp, 2000.

KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2010.

KÜNSCH, Dimas A.; AZEVEDO, G. F. (Org.) ; BRITO, P. D. (Org.) ; MANSI, V. R. (Org.) . **Comunicação, diálogo e compreensão**. 1. ed. São Paulo: Plêiade, 2014.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2^a ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 3^a ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.